

# Patos Coração e Chão

*Por: Vasco Navarro Neto Junior*

Em 1982 foi o ano, 26 o dia, agosto foi o mês.  
Essa data marcou a história  
de uma pessoa humilde, que vou contar para vocês.

Infância normal, com os pés descalços na rua,  
brincava o quanto podia, pulava, dançava, corria,  
desde o nascer do dia, até o cair da lua.

Vi gente pobre ficar rico, e gente rica ficando pobre.  
Uns plantando e cultivando,  
espalhando e semeando,  
de maneira muito nobre.

Lembro ainda lá na rua,  
as filas na casa do Seu Zé,  
todas sextas, às seis horas, senhores e senhoras,  
recebendo o pagamento de onde vinha o sustento,  
na colheita do café.

Ah, como era bom ser criança,  
sem problemas, sem cobrança.  
Só brincava e estudava,  
com aquilo que a vida me dava.  
Que era um pingo de esperança.

Tempo bom que não volta mais,  
que saudades dos meus pais.  
Me tiveram e me criaram,  
me vestiram e me educaram.  
Mas hoje não existem mais.

Nunca esqueço, o esforço era tanto.  
Alimentava cinco bocas, cuidava e vestia roupas.  
Cobrando nos ônibus da Pássaro Branco.

Já mamãe muito guerreira, dedicada e garradeira,  
trabalhou o quanto pôde,  
na ponta de uma empilhadeira.  
Ali caía o seu pranto,  
sofria só Deus sabe o quanto,  
mesmo assim sem perceber,  
não cansava de agradecer,  
a existência do homem do campo.

Nessa terra que tudo dá, se podemos semear,  
então saibamos escolher  
aquilo que vamos plantar.  
Plantando paz no meio ambiente,  
formando um verde mais florescente,  
que vai de rios até as colinas,  
à nossa nova Patos de Minas.

Cidade essa que aprendi a amar,  
de um povo gentil e hospitaleiro,  
comidas típicas de um patamar,  
saboreadas no mundo inteiro.

Milho, soja, café ou feijão,  
alguns exemplos extraídos desse chão,  
viajam daqui por esse mundo afora.  
E eu posso te falar agora,  
que fazem parte da nossa tradição.

Resumindo aqui essa história,  
deixando gravado na sua memória,  
que esse momento que estamos vivendo,  
apesar das percas e do sofrimento,  
serve também como aprendizado.

Filho cuidando de pai,  
pai cuidando de avô,  
estranho cuidando de estranho,  
com muito carinho e amor.

Não existe pandemia que aguente,  
quando o povo é valente,  
deixando cheio de esperança,  
quem aqui é residente.

E nem um milhão de palavras bonitas  
explicariam o meu orgulho de ser patense.